

Artigo

Produção e consumo de notícia: O Twitter enquanto ferramenta jornalística

Diego Casaes*

Raphael Tsavkko Garcia**

Resumo

Através dos Computadores Coletivos Móveis o sujeito passa não só a ser um agente ativo no compartilhamento de informações como também pode sê-lo a qualquer momento. O Twitter surge em meio a esta revolução informacional tendo por base e a troca de informação, links e notícias restritas a 140 caracteres. Dessa forma, entende-se que o Twitter pode ser utilizado como ferramenta que potencializa os fluxos de notícias e quebra o paradigma dos monopólios da informação. Busca-se analisar as manifestações pró-Moussavi após as eleições presidenciais do Irã, em 2009, quando o processo eleitoral que reelegeu Mahmoud Ahmadinejad foi considerado fraudulento.

Palavras-chave

Twitter; Redes Sociais; Jornalismo Cidadão; Ciberativismo; Computadores Coletivos Móveis

Abstract

Through the Mobile Collective Computer the subject not only becomes an active agent in information sharing as well one could do so at any time. Twitter comes in the midst of this information revolution based on and exchange of information, news and links limited to 140 characters. Thus, it is understood that Twitter can be used as a tool that promotes the flow of news and break the paradigm of the monopolies of information. Seeks to analyze the pro-Moussavi demonstrations after the presidential elections in Iran, in 2009, when the electoral process that re-elected Mahmoud Ahmadinejad was considered fraudulent.

Keywords

Twitter, Social Network, Citizen Journalism, Cyberactivism, Mobile Collective Computer

* Bacharel em Turismo pela Faculdade São Salvador, Salvador-BA diegocasaes@gmail.com

** Mestrando em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero com bolsa FAPESP tsavkko@gmail.com

A ruptura do paradigma da notícia

O paradigma jornalístico atual está de acordo com a concepção de paradigma defendida por Kuhn no que tange a reprodução de concepções de mundo consoante aos interesses da apropriação simbólica do capital e ideologias vigentes, e conduz interpretações suscetíveis a flexibilidades dentro de um sistema fechado, que possui regras claras. No entanto, os paradigmas são reféns de si, pois ao produzir conhecimento e permitir interpretações sobre si e sobre seu ambiente, esgotam as possibilidades de aproveitamento de um modelo antigo suscitando mudanças.

O rompimento de paradigmas na sociedade atual passa a ser um ato mais constante. As práticas de vivência social paulatinamente obtêm um novo significado, resultado de interações diversas entre o habitual e a tecnologia, entre a preservação do antigo e o incentivo a adoção do novo no cotidiano das pessoas. Dentre os eventos dessa quebra de paradigma, evidencia-se o surgimento de uma “cibercultura”, que utiliza o espaço cibernético e se mescla à vida pós-moderna ao reconfigurar nossa noção sobre o consumo da informação.

Observa-se ainda que a contemporaneidade pulveriza paradigmas e garante a re-significação dos valores e práticas sociais, bem como fornece ferramentas para modificar as relações de poder na sociedade. A tecnicização do cotidiano permite ao indivíduo se apropriar do capital, ou ao menos infligir contra sua totalidade, dando margem à ruptura das ideologias de dominação com maior profundidade.

A carga simbólica que embasava os aspectos culturais e práticas sociais tradicionais padecem então diante da efemeridade do cotidiano (Harvey, 2003). A apropriação do capital é ameaçada e o poder simbólico se desestrutura diante da inversão dos fluxos de produção e consumo de informação e notícias. O monopólio se desintegra quando as potencialidades de modificação e apropriação sobre os fluxos de informação são democratizados com a popularização do acesso à técnica.

Nesse sentido, destaca-se a velocidade de difusão de informações, mediada pelo uso de tecnologias digitais de informação e comunicação (TICs) que garantem a cada indivíduo de posse de um aparelho de comunicação de tecnologia contemporânea, como celulares e tablets, que permitem a comunicação em tempo real de virtualmente qualquer lugar (ubiquidade) ou, por exemplo, agir participativamente na construção de um debate sobre a conjuntura do lugar em que está. A apropriação do capital é democratizada e os interesses econômicos passam a disputar o lugar com os interesses sociais locais e globais.

Consoante a esse pensamento, pensamos até que ponto se insere o modelo atual de jornalismo no contexto do fluxo desenfreado de informações? As características de uma nova mídia que surge mediante a imersão da população em compor a notícia impõe ao jornalismo questões impor-

tantes sobre qual seria seu verdadeiro papel na sociedade. A descentralização do fluxo e o estabelecimento das redes de informação conduzem o jornalismo sob uma nova perspectiva: a lógica do individual.

As noções de difusor e receptor se confundem, o indivíduo não mais espera passivamente pelas notícias veiculadas em jornais e TV; na verdade, passa ele mesmo a disseminar informações em tempo real, muitas vezes passando à frente dos meios de comunicação tradicionais e se valendo das tecnologias digitais e *gadgets* mais modernos (tablets como o iPad, celulares com conexão rápida à internet, etc). Vivemos, pois, a era da convergência (Jenkins, 2009), onde a mídia tradicional e a mídia alternativa, inovadora, se confundem ou, mais ainda, se combinam, cooperam, criando uma nova cultura informacional. A convergência tecnológica enaltece novos ritmos à estrutura jornalística, misto de padecimento das velhas estruturas e imersão na novidade metodológica.

A narrativa jornalística na contemporaneidade tende a convergência das tecnologias com ênfase no conteúdo (Saad Corrêa in Palacios, 2008). O consumo de informação é coerente à posse dessas tecnologias de difusão e acesso do conteúdo. Paralelo a isso a apropriação dos fluxos e processos de produção modificam as relações sociais e constituem: “a condição para transformar a atual ordem social. Produzir e ocupar os espaços, todos os espaços, através das redes” (Assis e Pretto in Amadeu 2008, p.78).

Dessa forma, entende-se que os fluxos de notícias são redirecionados a partir da introdução da convergência midiática no contexto jornalístico. A participação da esfera pública de debate nos procedimentos de composição, distribuição e consumo das notícias fragiliza as estruturas unilaterais dos meios de comunicação de massa e exigem resignificações no fazer jornalístico. As manifestações pró-Moussavi após as eleições do Irã são um exemplo de reestruturação da produção e distribuição da notícia sob novos moldes seguindo um paradigma que retoma o capital e faz padecer o monopólio sobre a informação.

A apropriação da informação por parte dos indivíduos não torna mais confiável, porém, o conteúdo jornalístico disseminado a todo momento, da mesma forma que a convergência tecnológica e midiática facilitam a composição, distribuição e consumo de notícias, também pode facilitar a disseminação de notícias falsas ou equivocadas. Indivíduos mal intencionados disseminando informações falsas são um constante no ambiente virtual. Cabe citar ainda a aproximação e adaptação dos meios de comunicação tradicionais às ferramentas de mídia social - como o Twitter¹ -, demonstrando que, mesmo se tratando de uma ferramenta que nos traz uma perspectiva de jornalismo individual, é possível a apropriação desta por meios tradicionais.

Vivemos, enfim, imersos em uma cultura de convergência onde buscamos formar uma imagem de nosso cotidiano através de imagens e informações midiáticas dispersas (Jenkins, 2009); como um mosaico, coletamos informações de múltiplas fontes, por vezes criando nós mesmos pe-

¹ Ferramenta de micro-blogging mais popular e usada no mundo cuja função é a de permitir a comunicação rápida e horizontal entre seus usuários. <http://www.twitter.com/>

daços deste mosaico, pondo fim à antiga noção de passividade do indivíduo frente às informações que lhe são passadas.

Atualmente vemos o crescimento de um movimento que rejeita a apropriação da informação por grandes monopólios e que começa a apropriar-se das informações - no que Levy chamou de Inteligência Coletiva (Lévy, 1998) - e, em um movimento inédito, passa a ser seguido pelas grandes empresas de mídia que correm atrás do prejuízo e passam elas a usar informações vindas de sites de mídia social como fontes consideradas seguras e confiáveis em suas matérias e notícias.

Fenômeno marcante desta nova era de convergência digital é a possibilidade de fontes primárias terem, elas mesmas, a possibilidade de disseminar conteúdo em primeira mão e se apropriar das informações sem a necessidade de qualquer tipo de intermediário como grandes empresas de jornalismo, agências de notícias ou até mesmo seus correspondentes, bastando para isto apenas uma conexão à internet e um computador, ou ainda um celular com conexão 3G², GPRS³, etc.

Através do Twitter, de blogs e outras mídias sociais, a inteligência coletiva e a colaboração têm a possibilidade de apresentar um quadro concreto dos acontecimentos em determinadas regiões ou discutir assuntos que muitas vezes são ignorados ou parcialmente citados pela mídia tradicional. Uma característica desta “nova era” é a inexistência de irrelevância de conteúdo, tudo pode se tornar notícia, tudo pode render matérias (colaborativas ou não) e receber a publicidade necessária em seus respectivos nichos.

A expansão desenfreada dos fluxos de notícias com o advento do compartilhamento proporcionado pelas TICs propõem a catarse no consumo de informações. No caso específico da utilização de tais tecnologias vinculadas ao jornalismo cidadão - que tange a globalização da perspectiva local de um indivíduo - a veracidade e ausência de manipulação, no que tange os interesses econômicos, dos fatos pode ser muito maior do que no jornalismo tradicional/corporativo.

Pode-se dizer então que as TICs constituem o palco para os entraves ideológicos na contemporaneidade influenciados por territorialidades locais e globais, quando se fala do jornalismo cidadão e a transmissão da notícia pontual, e da reapropriação dos espaços globalizados e manipulação midiática. Apesar da apropriação do capital obter o monopólio informacional no cenário da mídia de massa, no âmbito do ciberespaço há a retomada de posse pelos usuários.

Os computadores coletivos móveis e o Twitter

Com o suporte dos CCm ou Computadores Coletivos Móveis (Lemos in Leão, 2004) o sujeito passa não só a ser um agente ativo no compartilhamento de informações como também pode sê-lo a qualquer momento, em qualquer lugar, necessitando apenas de uma conexão ativa e de qualquer aparelho capaz de enviar informações (comumente o celular e o laptop); estamos, portanto, diante

2 International Mobile Telecommunications-2000 (IMT-2000) ou 3rd Generation (Terceira Geração), é uma família de protocolos de comunicação e internet.

3 Sigla para *General Packet Radio Service*, consiste em um protocolo de dados para aparelhos móveis sob uma estrutura 2G (Segunda Geração).

de um fenômeno de pulverização das distâncias, das barreiras e fronteiras para e pela circulação de informações e dados. Vemos, enfim, uma subversão dos valores tradicionais e do cenário padrão do controle da informação por parte dos *mass media* e do capital.

Os Computadores Coletivos Móveis não apenas permitem a apropriação da informação pelo usuário, mas também tem por marca a versatilidade. Com o suporte dos CCm é possível ao mesmo tempo se produzir o conteúdo jornalístico e, também, acompanhar os demais fatos que acontecem pelo mundo. O que vemos é, sem sombra de dúvida, uma era em que o indivíduo pode permanecer conectado e disponível nas 24h do dia e em qualquer lugar da terra.

O Twitter surge em meio a esta revolução informacional, adaptado à nova era de comunicação móvel e ágil, tendo por base e também como modelo de ação a troca de informação, links e notícias restritas a 140 caracteres, com extrema rapidez e facilidade - inaugurando, portanto, a era do *microblogging* - e permitindo a leitura, envio e recebimento dos *tweets* em qualquer tipo de computador, celular, *palm*, enfim, qualquer meio eletrônico com acesso às redes telemáticas, em especial os Computadores Móveis.

Quanto aos objetivos ou modelo de ação do Twitter, temos de ter em mente a apropriação dos sites pelas redes, estamos falando de uma rede “**menos focadas em laços fortes e menos privadas**” (Recuero, 2009, online), cujo objetivo é a [ampliação da] audiência, a publicidade e a ampla difusão de informações (a ferramenta do *re-tweet* é o melhor exemplo disto).

O Twitter iniciou suas atividades como um site onde qualquer indivíduo poderia se expressar, descrever as ações simples do dia-a-dia e, com o tempo, a rede foi apropriada por novos usuários mais interessados em difundir informações úteis, repassar notícias interessantes e, como objetivo último, utilizar a rede como um meio de criação e propagação de informações jornalísticas.

Nessa rede social, as informações vão até o usuário; o foco da comunidade é exatamente que toda informação chegue até os membros da rede mais ampla, não só seu círculo de amigos, mas todos os demais ligados à eles. Existem ainda outras redes sociais com funções semelhantes, como o Facebook⁴, onde o objetivo é a propagação de informações em um círculo ou rede fechada, restrita, privativa, ou ainda o Orkut⁵, cuja difusão de informações não se dá de forma automática, cabe ao interessado ir atrás dela em grupos específicos e não esperar que chegue até si de forma passiva.

4 www.facebook.com

5 www.orkut.com

A propagação de mensagens via Twitter obedece às regras das cascatas de informações (Bikhchandani, Hirshleifer & Welch, 1998) onde a informação é meramente repassada, copiada, sem crítica, - mas ainda assim é disseminada e espalhada através da rede - e também obedecendo à apropriação de capital social, onde a informação recebe acúmulo de percepções, de valores, no que realmente podemos chamar de uma inteligência coletiva voltada à produção e disseminação de informações;

Devido a maleabilidade de funções dos Computadores Coletivos, as notícias e o modo como o jornalismo é representado via Internet modifica-se drasticamente. Valorizam-se as notícias curtas e os informes efêmeros, dando ênfase na objetividade dos assuntos.

As manifestações pró-Moussavi através do Twitter.

Em meados de junho, o blog jornalístico coletivo Huffington Post iniciou sua cobertura em tempo real (*liveblogging*) dos protestos pós-eleitorais do Irã, após acusações de fraude contra o candidato derrotado, o reformista Mir Hossein Mousavi e desde então uma forte censura foi baixada no país, contando com a expulsão de jornalistas credenciados para cobrir o processo eleitoral e, para os que puderam ficar, um cerco feroz contra suas atividades, proibição de sair às ruas e de divulgar o que acontecia no país.

Após um turbulento processo eleitoral em que os dois candidatos favoritos, Mir Hossein Mousavi (reformista) e Mahmoud Ahmadinejad (conservador) faziam uma campanha acirrada e de resultado incerto, a vitória esmagadora do segundo, com mais de 60% dos votos⁶ - uma diferença de 11 milhões de votos - surpreendeu o Irã e o mundo e desde então centenas de protestos contra o resultado - chamados de fraude pelos reformistas e por boa parte da opinião pública mundial - foram convocados via Twitter.

6 http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/8098305.stm

Os resultados eleitorais foram divulgados oficialmente em 13 de junho e já no dia 15 do mesmo mês as ruas de Teerã eram tomadas por milhões de indivíduos insatisfeitos com o resultado a maioria destes mobilizados via Twitter⁷.

7 http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/middle_east/article6524127.ece

Em meio ao caos, no dia 14 de junho, começou a cobertura do Huffington Post⁸ e, excetuando os raros comunicados da imprensa tradicional que conseguiam escapar do cerco imposto pelo governo iraniano, toda informação escrita vinha através do Twitter e, no caso de vídeos, através do Youtube⁹. A única ferramenta não bloqueada pelo governo iraniano - que restringiu o acesso ao Facebook, por exemplo - foi o Twitter que, além de tudo, possui o diferencial de ser leve e acessível a partir tanto do computador pessoal, quanto via celular. No início de julho o governo iraniano ainda reduziu drasticamente a banda de conexão aos usuários iranianos mas, como visto, o Twitter não exige conexão rápida e o envio de informações continuou constante.

8 <http://www.huffingtonpost.com/tag/iran-liveblogging>

9 <http://www.youtube.com>

Ao mesmo tempo em que disseminava informações, o Twitter serviu como agregador e multiplicador, convocando a população aos protestos e causando um efeito cascata que não pôde ser contido pelo governo e nem pela milícia Basij, convocada de todo o país para reprimir as manifestações. Usuários como @tehranbureau, @IranKiwi, @Iran88, @nedaiswhy, @azady_ “tuitaram” todos os passos do movimento contestador em tempo real, convocando¹⁰ milhares aos protestos e repassando as informações para o mundo.

10 <http://www.thenation.com/blogs/notion/443634>

Graças à pressão e as informações disseminadas via a ferramenta de microblogging, o gover-

no de fato foi obrigado a reconhecer ao menos parte das fraudes, um total de 3 milhões de votos ilegais em 50 cidades¹¹. Insuficiente para modificar o resultado mas, ainda assim, significativo para demonstrar que a revolta do Twitter não era desprovida de sentido e razão.

Grandes redes, como a Al Jazeera foram forçadas¹² não só a adotar e transmitir o conteúdo saído do Twitter como também foram forçados a reconhecer seu valor e sua importância como única (ou uma das únicas) ferramentas capazes de furar o bloqueio midiático iraniano¹³. A censura imposta aos meios de comunicação e o estreitamento da banda-larga dos usuários de internet levaram aos administradores do Twitter, por exemplo, a suspender¹⁴ uma manutenção programada para evitar cortar uma das únicas linhas de contato do Irã com o mundo.

O fenômeno multitudinário gerado pelos *tweets* – os informes de 140 caracteres - é de difícil mensuração, mas pode-se afirmar com certeza que, não fosse pela ferramenta, os protestos e a divulgação de prisões, mortes e torturas jamais teria alcançado a proporção a que chegou. Dificilmente a contestação dos resultados teria virado uma campanha global, desterritorializada em que todos os presentes no Twitter acabaram por disseminar igualmente as informações, sem se importar se estavam fisicamente presentes ou não no Irã¹⁵.

Em alguns casos seria possível afirmar que tudo não passava de meras cascatas, repassadas adiante como uma horda passaria algo sem grandes críticas, mas muito do que foi divulgado das fontes primárias iranianas agregava grande capital social e era avidamente consumido não só pelos demais participantes das redes mas também por boa parte da mídia tradicional, obrigada a se render às novas tecnologias, especialmente quando os correspondentes das grandes redes estavam impedidos de se locomover livremente pelo Irã conforme noticiado pelas grandes agências de notícia globais durante os eventos.

Milhares ou milhões de pessoas em todo o mundo se uniram à causa e passaram também a divulgar os acontecimentos no Irã, em um ambiente multirepresentativo e de múltiplas identidades, um locus desterritorializado (Haesbaert, 2004) onde cada um tem a possibilidade de adotar não só o posicionamento que melhor lhe convém, mas, também agregar o capital necessário para que a notícia não só se espalhe, mas repercuta e seja ouvida em e por todas as classes e esferas.

Sem o espalhamento propiciado pelo Twitter e pela mobilização mundial, os protestos dificilmente teriam tido a relevância que alcançaram em todo o mundo e os protestos em si dificilmente teriam ocorrido, ao menos com a magnitude vista. Pela velocidade e facilidade de utilização, divulgação e espalhamento, o Twitter foi a arma encontrada pelos manifestantes para se organizarem e coordenarem e o resultado forma milhões de pessoas simultaneamente nas ruas e uma grande dificuldade, senão impossibilidade, das forças de segurança e milícias controlarem a situação.

11 <http://www.nowpublic.com/world/iran-admits-election-errors-50-cities-impacting-3-million-votes>

12 <http://english.aljazeera.net/focus/2009/06/2009620111022959219.html>

13 <http://tunedin.blogs.time.com/2009/06/15/iranians-protest-election-tweets-protest-cnn/>

14 <http://blog.Twitter.com/2009/06/down-time-rescheduled.html>

15 <http://www.cnn.com/2009/WORLD/meast/06/16/iran.journalists.banned/index.html>

O Twitter demonstra, enfim, um imenso potencial revolucionário, um potencial de mobilização das massas, de organização maciço de protestos, reuniões e uma ferramenta ímpar no cibertivismo que transpõe o ambiente virtual para se apropriar da realidade física, em protestos multitudinários e de extrema relevância.

O Twitter ainda se apresenta como uma ferramenta necessária ao jornalismo por sua capacidade de cobertura em tempo real, dinâmica e aparentemente sem fronteiras ou limitações que não as técnicas auto-impostas pelo serviço (140 caracteres no máximo por postagem).

O Twitter propicia uma experiência única e inovadora de cibern militância. Indivíduos que jamais foram ou pensaram em se tornar ciberativistas foram alcançados pela mobilização maciça no Twitter sobre o processo eleitoral iraniano e subsequentes protestos. A facilidade com que se dá o espalhamento de informações com o uso da ferramenta e a também marcada comodidade e simplicidade na formação de cascatas de informação acabava por não exigir muito dos usuários que poderiam simplesmente formar uma corrente mundial sem grandes arroubos de indignação ou crítica.

Observa-se que o Twitter se apresenta como uma ferramenta potencial ao jornalismo digital, devido à sua capacidade de agregar pontos-de-vista do cotidiano das pessoas. Na medida em que o monopólio jornalístico dos grandes meios de comunicação de massa se desestrutura, aproximar-se do produtor de conteúdo é necessário para a sobrevivência das empresas de mídia e para colaboração de um novo modelo de se fazer jornalismo.

Considerações

Aos poucos os benefícios trazidos pela tecnologia por conta da contemporaneidade e re-significação das ferramentas e conceitos das práticas sociais humanas evoluem.

O modelo jornalístico atual confronta novas formas e ferramentas com potencial para aproximar as empresas de comunicação ao seu público. O consumo e produção de notícia, facilitado pelo jornalismo cidadão, é intensificado e se torna uma forma de resgate da audiência para as corporações midiáticas quando do afastamento ou censura desses grandes veículos por parte de governos ditatoriais, como no caso do Irã, nas manifestações pós-eleições, em junho de 2009.

Como foi visto, o Twitter surge como uma ferramenta adaptada à nova era informacional e que se vale ao extremo de dispositivos como celulares, palm e netbooks, enfim, dos CCm, para, então, permitir e facilitar a apropriação da informação pelos indivíduos.

As manifestações pró-Moussavi após o processo eleitoral considerado fraudulento por alguns cidadãos iranianos encontraram no Twitter uma estrutura de comunicação que transcende as barreiras de restrição e censura. O fluxo de informações e notícias contribuíram para a composição do panorama da situação através dos olhos dos habitantes locais. O formato microblog não inaugu-

ra, no entanto reafirma e leva até um novo patamar a apropriação da informação, das ferramentas jornalísticas, pelos indivíduos, torna ainda mais real e interativa a experiência de produzir, reproduzir e consumir notícias e informações.

Ao mesmo tempo em que funciona como complemento ao jornalismo tradicional, o Twitter passa à frente e assume características próprias, sendo uma ponte entre indivíduos e mídia tão tradicionais quanto os jornais impressos e mídias alternativas como os blogs e, ainda, sendo dotada de personalidade própria, uma tecnologia de produção e distribuição de conteúdo autônoma e auto-suficiente.

Referências

- BICKCHANDANI, S., HIRSHLEIFER, D., and WELCH, I. Learning from the Behavior of Others: Conformity, Fads, and Informational Cascades. *Journal of Economic Perspectives*. Volume 12, Issue 3, pp. 151-170, 1998.
- DIMANDAS, Hernani. *Linkania - A multidão hiperconectada* in Leão, Lucia (org). **Derivas: Cartografias do ciberespaço**. São Paulo: Annablume; Senac, 2004
- HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização*. Bertrand Brasil, 2004.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- JENKINS, Harvey. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009
- LEMOS, André. *Cibercultura e Mobilidade: a era da conexão* in Leão, Lucia (org). **Derivas: Cartografias do ciberespaço**. São Paulo: Annablume; Senac, 2004
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: ed. Loyola, 1998.
- MADUREIRA, Gisela. **Ciberconhecimento: um estudo sobre as novas tecnologias da comunicação, a cognição e a globalização do saber**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2004.
- PRETTO, Nelson de Luca; ASSIS, Alessandra. *Cultura digital e educação: redes já!*. In: Nelson De Luca Pretto; Sérgio Amadeu da Silveira. (Org.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador/Bahia: Edufba, 2008, v. , p. 75-84
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.
_____. Conteúdo Online: Twitter x Facebook. http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/conteudo_online_twitter_x_facebook.html. 2009. Acesso em 10/05/2010
- SAAD CORRÊA, Elizabeth. . *Convergência de mídias: metodologias de pesquisa e delineamento do campo brasileiro*. In: Marcos Palácios; Javier Dias Noci. (Org.). **Metodologias para o estudo dos cibermeios: estado da arte & perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008, v. 1, p. 11-358.
- SILVA JUNIOR, José Afonso. *Uma abordagem metodológica sobre a convergência digital e o fluxo de conteúdos no jornalismo contemporâneo*. In: Marcos Palácios e Javier Diaz Noci. (Org.). **Metodologia para o estudo dos cibermeios: estado da arte e perspectivas**. Salvador / BA: EDUFBA, 2008, v. , p. 51-70.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu. *Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública*. In: Nelson de Luca Pretto; Sergio Amadeu da Silveira. (Org.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008, v. 1, p. 31-50.

Expediente

CoMtempo

Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero
São Paulo, v.3, n.1, jun. 2011/nov. 2011

A revista CoMtempo é uma publicação científica semestral em formato eletrônico do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade Cásper Líbero. Lançada em novembro de 2009, tem como principal finalidade divulgar a produção acadêmica inédita dos mestrandos e recém mestres de todos os Programas de Pós-graduação em Comunicação do Brasil.

Presidente da Fundação Cásper Líbero

Paulo Camarda

Diretora da Faculdade Cásper Líbero

Tereza Cristina Vitali

Vice-Diretor da Faculdade Cásper Líbero

Wellington Andrade

Coordenador da Pós-Graduação

Dimas Antônio Künsch

Editor

Walter Teixeira Lima Junior

Comissão Editorial

Carlos Costa (Faculdade Cásper Líbero) * Luis Mauro de Sá Martino (Faculdade Cásper Líbero) * Maria Goreti Frizzarini (Faculdade Cásper Líbero) * Liráucio Girardi Junior (Faculdade Cásper Líbero) * Walter Teixeira Lima Júnior (Faculdade Cásper Líbero)

Conselho Editorial

Ângela Cristina Salgueiro Marques (Universidade Federal de Minas Gerais) * Carlos Roberto da Costa (Faculdade Cásper Líbero) * José Eugenio de Oliveira Menezes (Faculdade Cásper Líbero) * Luis Mauro Sá Martino (Faculdade Cásper Líbero) * Marcia Perencin Tondato (Escola Superior de Propaganda e Marketing) * Maria Goretti Frizzarini (Faculdade Cásper Líbero) * Walter Teixeira Lima Junior (Faculdade Cásper Líbero) * Roberto Oliveira (Universidade de Marília) * Bruno Lima Rocha (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) * Gerson Luiz Martins (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) * Roberto Chiacchiri (Faculdade Cásper Líbero) * Patrícia de Melo Bandeira (Fundação Joaquim Nabuco) * Dulcília Buitoni (Faculdade Cásper Líbero) * Claudio Novaes (Faculdade Cásper Líbero) * Macelle Khouri Santos (Universidade do Estado da Bahia).

Assistente editorial

Guilherme Carvalho Santini* Renata Barranco* Tel. (11) 3170-5969 | 3170-5841 *
comtempo@facasper.com.br

Projeto Gráfico e Logotipo

Danilo Braga * Marcelo Rodrigues

Revisão de textos

Walter Teixeira Lima Junior

Editoreção eletrônica

Walter Teixeira Lima Junior

Correspondência

Faculdade Cásper Líbero – Pós-graduação
Av. Paulista, 900 – 5º andar
01310-940 – São Paulo (SP) – Brasil
Tel.: (11) 3170.5969 – 3170.5875